Uma entidade criada na invasão cuida da cultura

O presidente da Associação Cultural Recreativa Esportiva e Habitacional dos Moradores da Ceilândia-ACRECE, Gonçalo Gonçalves Bezerra diz que o seu maior orgulho é dirigir uma entidade criada ainda na invasão do IAPI, no dia 11 de maio de 1969 com o nome de Associação Pró-Melhoramentos da Vila IAPI, e que teve, segundo ele, importante papel na remoção das favelas que deram origem a Ceilândia.

— Lá na vila — lembra ele — estávamos com 400 associados. As nossas maiores reivindicações era um sistema normal de abastecimento de água, luz definitiva, rede de esgoto, posto policial e telefone para todo o IAPI. Era prefeito de Brasília, nessa época, Wadjô Gomide, que alegava não poder atender aos nossos pedidos, tendo em vista que não havia um plano de urbanização para o local. Mas nós não desistíamos de pedir a solução para os problemas que enfrentávamos, «nem que o governo tivesse então que remover as favelas».

— Com a entrada do governo Hélio Prates da Silveira — continua Gonçalo Gonçalves — a nossa idéia tomou corpo, pois o próprio governador começou a se preocupar seriamente com o número crescente de invasões no Distrito Federal. Havia um plano do GDF de que cada cidade-satélite já existente em Brasília deveria receber determinado contingente das invasões a serem demolidas. Mas a nossa Associação não aceitava isso, pois reivindicávamos que todos fossem removidos para uma única área, o que foi depois aceito pelo governo do Distrito Federal, já que muitas autoridades achavam justos os nossos

pedidos, pois a Vila do IAPI e outras invasões periféricas ao Núcleo Bandeirante haviam nascido com Brasília e, de certa forma, todos os seus moradores já se conheciam».

INÍCIO

Ressalta o presidente da ACRECE, que um grande trabalho de conscientização foi desencadeado pela LBA, Secretaria de Serviços Sociais e outros órgãos, para mostrar aos moradores das invasões a necessidade da mudança.

— Convocamos todos os moradores que tinham bicicleta — diz Gonçalo Gonçalves — a fazerem o percurso IAPI-Ceilândia, a fim de conhecerem o futuro local que iria abrigá-los. O GDF contribuiu com esse «passeio ciclístico» de mais de 30 quilômetros, enviando para acompanhar o pessoal uma ambulância. Mas tudo correu muito bem, dois ciclistas fizeram o percurso em 40 minutos, e dessa passeata participaram mais de mil pessoas.

— Mas a TCB — continua Gonçalo — promovia geralmente aos sábados e domingos passeios à Ceilândia, e os ônibus iam lotados de moradores que recebiam explicações das intenções do governo concernente a remoção das favelas. As máquinas já começavam a trabalhar na Ceilândia (isso em 1970) abrindo ruas, colégios estavam sendo construídos, e em dias melhores todos confiavam, pois foi isso que nos levou a deixar o IAPI e depositar toda confiança na cidade que ajudamos a construir e que hoje é isso aí que vocês estão vendo...